

Metáforas e Paráfrases na cidade Pós-Colonial

Lourival Araújo da Silva

A publicação de *Les Verités de la Palice* (Pêcheux, 1975) representa um marco na elaboração teórica da análise de discurso francesa e um importante ponto de inflexão na obra do autor. Tal teoria assim, sob sua classificação, aí é apresentada:

"constrói-se sob a articulação de três regiões do conhecimento científico, a saber: o materialismo histórico, como teoria das formações sociais e de suas transformações, compreendida aí a teoria das ideologias; a lingüística, como teoria dos mecanismos sintáticos e dos processos de enunciação ao mesmo tempo; a teoria do discurso, como teoria da determinação histórica dos processos semânticos, as três regiões atravessadas e articuladas por uma teoria da subjetividade de natureza psicanalítica..."¹

Esse livro é "o cruzamento de todos os caminhos de Michel Pêcheux", como observa Denise Maldidier², e diz:

E, ainda que "a palavra 'discurso' não [figure] nem no título nem no subtítulo do livro ..., a terceira parte se intitula 'Discurso e ideologia(s)', [e]... o *discurso* é a figura central do livro. Ele liga todos os fios: da lingüística e da história, do sujeito e da ideologia, da ciência e da política..."³

As críticas originadas da articulação dos conceitos de identificação e interpelação, retomados por Pêcheux a Althusser, produzem retificações e reconfigurações que moldam o segundo momento de elaboração da reflexão teórico-metodológica do filósofo, que pode, didaticamente, ser estruturada em três etapas:

Em linhas gerais, pode-se dizer que o empreendimento de

1 Teixeira, Marlene. Análise de Discurso e Psicanálise: elementos para uma abordagem do sentido no discurso. 2 edição, edipucrs, Porto Alegre, 2005, p.17.

2 Maldidier, Denise. A Inquietação do Discurso: (re)ler Michel Pêcheux hoje. Campinas, Pontes, 2003, p.44

3 Idem, p.45.

Pêcheux tem seu momento de construção (1966-1975), tanto do dispositivo de análise quanto da teoria do discurso, passa por um período de profundos questionamentos (1976-1979), de que resulta uma terceira etapa (1980-1983), que não promove propriamente uma redefinição de caminho, mas aparece como um projeto a ser levado a efeito.⁴

A crítica à teoria althusseriana e seus desdobramentos na obra de Pêcheux tem procurado superar limitações e buscar aberturas:

A teoria althusseriana da ideologia parece resultar, então, de uma leitura parcial dos textos de Lacan. O sujeito imaginário de Althusser corresponde, na verdade, ao 'moi' (eu) lacaniano, que é, para a teoria psicanalítica, meramente a ponta do iceberg do 'je' (Eu). É o 'eu', para Lacan, que se constitui no imaginário como uma identidade unificada; o sujeito 'como todo' é efeito clivado, faltoso e desejante do inconsciente, que, em Lacan, pertence ao simbólico e também à ordem imaginária... Althusser produziu, na verdade, uma teoria do ego e não do sujeito humano.⁵

O redirecionamento produzido por Pêcheux, em 1975, conduz a um outro extremo:

... se a leitura de Lacan por Althusser enfatiza a noção de imaginário, a leitura de Pêcheux, em *Les Verités de la Palice*, busca tratar o sujeito em sua estruturação pelas leis da linguagem, que falha exatamente porque toma o sujeito integralmente pelo campo do Outro (ordem simbólica, cultura), desconhecendo sua condição desejante..."e,"...desconheceu um aspecto fundamental das formulações lacanianas sobre o sujeito, o de que a pulsão exige permanentemente novas organizações subjetivas, de modo que o sujeito resulta como eterna construção, sempre *porvir...*⁶

A leitura de Italo Calvino⁷ nos apresenta, enquanto perspectiva crítica da constituição da identidade, um sujeito em permanente processo de reconstrução:

4 Teixeira, Marlene. Op Cit, pag 26.

5 Idem, p.77.

6 Idem, p.91.

7 Calvino, Ítalo. 'O espelho, o alvo' in Um general na biblioteca. São Paulo, Companhia das Letras, 2001, p.205-211.

Na minha juventude, eu passava horas e horas diante do espelho fazendo caretas. Não que meu rosto me parecesse tão bonito a ponto de eu jamais me cansar de olhá-lo; pelo contrário, não o suportava, meu rosto, e fazer careta me dava a possibilidade de tentar rostos diferentes, rostos que apareciam e eram logo substituídos por outros rostos, de modo que eu podia acreditar que era outra pessoa, muitas pessoas, de todo tipo, uma multidão de indivíduos que em rodízio se tornavam eu, isto é, eu me tornava eles, isto é, cada um deles se tornava um outro deles, e enquanto isso era como se eu não estivesse ali.

Um sujeito que tropeça na busca de uma identidade:

Siga reto o seu caminho, Fulgêncio! E eu tropeçava. Fulgêncio, não se desvie da linha que se traçou! E eu me embrenhava num ziguezague, para lá e para cá. Pule por cima dos obstáculos, meu filho! E os obstáculos caíam em cima de mim.

Um sujeito dividido entre um princípio de prazer:

Eu me contraía e relaxava como uma corda de arco. Fazia zvlaann!, mas depois fazia zvlinn! E zvlunn!, vibrava como uma harpa, as vibrações se propagavam no ar, abriam parênteses de vazio, de onde os ventos tomavam impulso. Entre os zvlinn! E os zvlunn!, uma rede balançava. Eu subia em espiral, ficava preso no espaço, e era Otília que eu via embalar-se na rede entre os arpejos...(")

E um princípio de realidade:

Fulgêncio! Onde você foi parar? O alvo!

Tenho que ir embora, Otília. Não posso ficar aqui com você. Tenho de fazer pontaria na outra face do alvo...

Numa busca por uma identidade imaginária:

por muito tempo não me olhei mais no espelho. Um dia, por acaso, passando diante de um espelho, vi o alvo, com todas as suas lindas cores. Tentei me pôr de perfil, de três quartos: via sempre o alvo. - Corinna! Olhe: sou o alvo. - Corinna! Exclamei - Estou aqui, Corinna! Olhe: sou como você gostaria que eu fosse! - Mas depois pensei que o que eu via no espelho

não era só eu, mas também o mundo ... Era Corinna ou Ottilia que, se fixasse o alvo-espelho por muito tempo, eu via aparecer entre os círculos concêntricos?

Esse movimento em torno da identidade instituída nos permite avaliar a natureza da proposta de retificação de Michel Pêcheux em seu momento de redefinição de caminho:

Os últimos textos do autor indicam a necessidade de um deslocamento, em relação ao que está proposto em *Le Verités de la Palice*, do simbólico para o real, da linguagem para a pulsão, de que deve resultar um entendimento de que o sujeito é capaz de, no retorno ao simbólico, fazer um rearranjo de suas sobredeterminações, modificando, ainda que momentaneamente, a situação já dada, sendo esta a 'liberdade' possível para ele.⁸

Construímos, analiticamente, uma posição-sujeito-urbano a partir da qual buscamos identificar o processo de constituição da identidade, no interior de uma situação-limite cuja discursividade instaura perspectivas dicotômicas, em torno da constituição do sentido do público e do urbano, com reflexos na constituição dos sujeitos afetados pelos efeitos de sentidos originados dessa tensão.

Trata-se de posição-sujeito não-vazia, e cuja lógica se origina no próprio processo de repressão que instaura o urbano a partir da identidade na figura do Representante do Rei.⁹

Os sentidos da cidade

O imaginário urbano instaura-se, na vila do Recife, "a

⁸ Teixeira, Marlene. Op Cit, p.91.

⁹ Por posição não-vazia entendemos o assujeitamento resultante da ocupação dessa posição, sucessivamente, por diferentes indivíduos: o almirante Rodrigo Lobo, responsável pelo cerco e sítio da cidade do Recife, durante o evento da Revolução de 1817; o capitão-general Luis do Rego Barreto, o qual respondeu pelo governo da capitania durante os anos 1817-1821, e foi responsável pela repressão contínua a que foi submetida a população da capitania durante esse período; e o major Madureira Lobo, que conduziu as operações militares que culminaram com o massacre da Serra do Rodeador.

partir da dimensão de uma falta, simbolicamente associada" à imagem do corpo despedaçado - O corpo político da cidade republicana e liberal, que é destruído pela reação monárquica em meio aos vagidos do seu nascimento.

A cidade é discurso e tensão discursiva:

a cidade é injunção a trajetos, a vias, a repartições, a programas, traçados e regulamentos. Do ponto de vista simbólico que nos interessa e por um procedimento de observação discursiva, procuramos mostrar como as relações sociais (urbanas) se significam na reprodução e na ruptura através da emergência de falas desorganizadas que significam lugares em que o sentido falta, incidência de novos processos de significação que atingem ao mesmo tempo a ordem do discurso e a organização social urbana...¹⁰

Esse processo de instituição do espaço urbano é, por consequência, coetâneo da mais rigorosa repressão política realizada no lastro das atividades de sítio, ocupação e domínio da Província de Pernambuco, no contexto do combate ao movimento liberal denominado Revolução Pernambucana de 1817.

O governo instituído, com a finalidade de pôr fim às sedições republicanas, torna-se um lugar de memória privilegiado para a análise dos mecanismos de produção de consenso em situações de crise e os processos de construção da normalidade, pois, como observa Orlandi:

... no espaço público que é a cidade, não há consenso que não seja imaginário: o discurso social não é homogêneo e dá lugar a diferentes movimentos de discurso que se cruzam no espaço urbano. À busca de sentido, o sujeito se desorganiza. A dispersão do discurso social, nesta perspectiva, apresenta-se como parte - nem direta nem automática - da divisão social ...¹¹

Observa-se a constituição da unidade imaginária do

10 Orlandi, Eni P. 'A cidade como espaço político-simbólico: textualização e sentido público' in Discurso e Texto: formação e circulação dos sentidos. Campinas, SP, Pontes, 2001. , p.186.

11 Idem, p. 187.

habitante da cidade que ocupa uma posição-sujeito significativa; acompanhamos, com Orlandi, a imersão do sujeito:

... no sujeito o mundo faz sentido e a linguagem se diz, se realiza como discurso. O sujeito é parte do acontecimento do significante. Assim, nossa finalidade é pensar como a cidade faz sentido no sujeito, como ela se diz nele, como o sujeito se constitui enquanto posição-sujeito urbano e como ele significa (se significa) na cidade.¹²

Tomamos como corpus significativo para a análise a correspondência do Governador Luis do Rego Barreto, último Capitão-General a conduzir os destinos da Província de Pernambuco, entre 1817 a 1821, atentando para duas ordens de considerações:

1) da perspectiva discursiva:

a relação da análise de discurso com os dados não é positivista. Não faz parte das crenças do analista a de que os dados são 'objetivos'. E isto pode ser expresso pelo fato de que a análise de discurso não visa à exaustividade 'horizontal', isto é, em extensão, nem à completude, ou a exaustividade em relação ao objeto empírico, material ...;

a ... delimitação de um corpus não segue, pois, critérios empíricos (positivistas), mas teóricos. Desse modo, a questão da exaustividade deve ser considerada em relação aos objetivos e à temática e não em relação ao material lingüístico empírico (textos) em si. Esse material organiza-se em função de um princípio teórico discursivo segundo o qual a relação entre o lingüístico e o discursivo não é automática, nem direta, não havendo biunivocidade entre marcas lingüísticas e os processos discursivos de que são o traço (as pistas).¹³

2) da perspectiva da historicidade do dizer:

a vrai dire, tant chez l'historien que chez le linguiste, la construction du corpus, selon une procédure explicite et su la base d'une validation empirique, était perçue comme une donnée

12 Ibidem.

13 Orlandi, Eni Pulcinelli & alli. Vozes e Contrastes: o discurso na cidade e no campo. São Paulo, Cortez, 1989, p.31-32.

scientifique permettant d'élargir la continuité du social vers les phénomènes langagiers. Desormais, le choix d'une échelle d'observation, et plus spécifiquement la détermination d'un observatoire des discours selon le point de vue adopté prime dans l'opération de construction du corpus.¹⁴

Tentemos recuperar, antes que morra, esse fantasma que jaz nas entrelinhas e nos sobrescritos, do qual nos fala Virginia Wolff:

Pensemos em cartas - em como chegam na hora do café da manhã e à noite, com seus elos amarelos e os verdes, imortalizados pelo carimbo postal - pois ver o nosso próprio envelope na mesa de outra pessoa é entender com que rapidez nossos textos nos deixam e se tornam alheios. O poder da mente de abandonar o corpo é fato óbvio, e talvez tenhamos medo, ou ódio, ou desejemos aniquilar esse fantasma de nós mesmos jazendo ali na mesa...¹⁵

A cidade sitiada

Acompanhamos a emergência da cidade sob os auspícios do Poder Real:

Sendo restaurada a Capitania de Pernambuco do intruso governo erigido pelos rebeldes, e sendo necessário que haja pessoa de honra, inteligência e confiança que no meu real nome governe aquela Capitania, e mantenha no devido sossego, obediência e fidelidade os seus habitantes: e tendo eu encarregado Luis do Rego Bareto, marechal-de-campo dos meus reais exércitos, do comando em chefe das forças que agora mando para reduzir aquela Capitania a sua devida sujeição; hei por bem não só nomeá-lo para aquele importante destino, mas também para governador e capitão-general da mesma capitania por tempo de três anos e o mais que decorrer enquanto eu for servido, e não lhe nomear sucessor.¹⁶

O corpo social e o corpo da cidade articulam-se no

14Guilhaumou, Jacques. *Le corpus en analyse de discours: perspective historique*. In <http://revel.unice.fr/corpus/document.html?id=8>

15Woolf, Virginia. *O Quarto de Jacob*. Rio de Janeiro, Nova fronteira, 1980. Trad. Lia Luft. p.106.

16Carta Patente de nomeação in Costa, F. A. Pereira da. *Anais Pernambucanos 1795-1817*. Recife, FUNDARPE, 1984. Vol 7, p.479-480.

território do Império Colonial:

Quando pensamos a cidade, introduzimos de imediato uma relação face à nação. Porque a cidade é pensada em relação ao 'droite de cité', introduzindo assim a dimensão jurídica na consideração do cidadão. Uma nação, por outro lado, é uma entidade abstrata, enquanto que uma cidade tem dimensões, formas visíveis, sendo perceptível em primeira instância. Assim, podemos dizer que outra característica de cidade, importante para nossos fins, é o fato de que a cidade introduz a dimensão da representação sensível de suas formas, ao lado da consideração de um espaço de cidadania, [e]... podemos dizer que um país é feito de muitas cidades distribuídas em sua superfície. Aí trazemos uma outra consideração, a de que superpõe-se uma localização territorial. Cidade e território são solidários.¹⁷

O projeto da cidade estrutura-se no interior do projeto construído para a nação, no interior de um processo de organização do espaço que produzirá o urbano (enquanto discurso sobre a cidade que se sobrepõe aos discursos da cidade):

A sociabilidade fica regida pela organização urbana e não é pensada em termos da sociedade como parte da história. Desliza do 'polido' para o 'policidado', para o controle e a manutenção da organização urbana (arranjo calculado, planejamento), esta sendo significada pelo urbanístico, pelo administrativo, pelo sentido diretivo. As relações sociais que correspondem, para nós, a relações de sentidos, ficam, nessas condições, sobredeterminadas pelo urbano, encerradas em seu imaginário.¹⁸

A cidade é movimento. Observemos que, no início do século XIX, grandes grupos de migrantes deslocam-se das áreas tomadas pela lavoura do algodão (que fora denominada 'lavoura democrática', no momento histórico de sua instauração). Esse movimento foi mantido sob suspeição pelos governantes que o observava ocupar a periferia da cidade em formação. Havia o perigo de que se

17Orlandi, Eni P. Cidade dos Sentidos. Campinas, São Paulo, Pontes, 2004, p.11.

18'A cidade como espaço político-simbólico: textualização e sentido público' in Orlandi, Eni P. Discurso e Texto: formulação e circulação dos sentidos. Campinas, Pontes, 2001, p.189.

consolidasse uma força capaz de ser manobrada em prejuízos dos interesses da monarquia. A situação resultante leva a autoridade constituída a justificar possíveis medidas repressivas:

... Continuo a buscar os meios de emendar os males desta capitania, mas não posso deixar de me queixar da inquietação de alguns indivíduos que tramam e intrigam por todos os modos e me alteram o sossego em que desejo ver tudo. É uma necessidade aparecer algum rigor de tempos a tempos, e é provável que isto seja pintado com negras cores. Vossa Excelência é capaz de pesar isto e de lhe dar o justo preço, quando ouvir alguma queixa contra mim...¹⁹

Constrói-se o consenso urbano, a ordem pública, a partir de forte ação repressiva, a qual medeia os conflitos sociais por meio de intensa ação policial:

... Vossa Excelência tem-me mostrado em algumas cartas que tem o Sargento-mor Merme [Chefe de Polícia] em mau conceito, o que vem, sem dúvida, do ódio que muita gente aqui lhe tem e de notícias transmitidas. É pois meu dever fazer conhecer a Vossa Excelência este oficial...:

... As suas primeiras comissões foram, de sua natureza, odiosas: muita gente presa, muita gente castigada, e tudo atribuído a Merme, fizeram-no o alvo do ódio público.

A perseguição dos criminosos, dos ladrões de cavalos, dos espadachins, e, enfim, o sossego público mantido com uma vigilância rigorosa e ativa, têm feito de Merme a execração do povo. Este oficial é honrado, é muito subordinado e é a sua vigilância e a sua atividade que se deve o sossego público estabelecido desde o tempo mais crítico, e levado a um tal grau de perfeição, que não tem havido mortes, e apenas aparecem rixas ou pequenos ferimentos e os réus sempre presos ...²⁰

Fora do Mapa

A cidade é o espelho em que se reflete o Representante do

19 Carta de Pernambuco, 16 II 1819, de Luis do Rego Barreto ao Ministro Tomás Antonio Vila Nova Portugal in Revista do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano (RIAHGP), vol LII, Recife, 1979.

20 Carta de Pernambuco, 28 VI 1819 in RIAHGP. Cit.

Rei:

Um homem particular tem muitas ocasiões em que deve sacrificar os seus interesses e a sua vida à sua honra. Porém, uma nação não tem, nem pode ter outra honra que a sua existência, os seus interesses e a sua força, e, sempre que para a conservação de qualquer destas qualidades lhe for preciso desprezar algumas práticas estabelecidas em regra, deve fazê-lo...²¹

Num processo de unificação imaginária que coloca o sujeito, retrospectivamente, na origem do Estado-Nação, e, por conseqüência, na origem da cidade:

...No assalto de S. Sebastião, enquanto os corpos destinados ao assalto marchavam cobertos... eu fui mandado marchar a descoberto em frente da brecha e com água até o pescoço, para atrair sobre mim todo o fogo inimigo, e foi o meu regimento que subiu a brecha e fui eu que primeiro, alguns minutos, me conservei no alto dela com uma bandeira na mão, para chamar e animar os soldados, que, por três vezes, fatigados, com a mortandade, a desceram com precipitação...²²

Identificamos nessa projeção a matriz imaginária das identificações do sujeito, ponto de origem e de recorrência das imagens posteriores, lugar de amarração do sujeito em suas sucessivas identidades e ponto de reflexão da imagem do sujeito em relação à cidade com a qual busca amalgamar-se. Seguimos a linha de reflexão fundamentada por Lacan na análise da constituição do sujeito:

Esta forma po lo demás debería más bien designarse como yo-ideal, si quiseiéramos hacerla tabién el tronco de las identificaciones secundarias, cuyas funciones de normalización libidinal reconocemos bajo esse término. Pero el punto importante es que esta forma sitúa la instancia del yo, aun desde antes de su determinación socia, en una línea de ficción, irreductible para siempre por el individuo solo; o más bien, que solo asintóticamente tocará el devenir del sujeto, cualquiera que sea el éxito de las síntesis

21Carta de Pernambuco, 5 IX 1819 in RIAHGP. Cit.

22Carta de Pernambuco, 6 IX 1819 in RIAHGP. Cit.

dialécticas por medio de las cuales tiene que resolver em cuanto yo [je] su discordancia con respecto a su propria realidad.²³

Nesse percurso, o desejo de identidade conduz à identidade do desejo de um sujeito que se projeta sobre os objetos:

... Tenho muitas vezes repetido que a providência me deu duas filhas, cujo patrimônio destruí durante a guerra, e esta destruição não foi efeito de vícios alguns ruinosos, mas sim motivada pela necessidade em que muitas vezes me achei, até de sustentar publicamente entre estrangeiros o esplendor da minha nação. Distribuído os meus bens sempre em objetos de utilidade e pudera enumerar alguns, se o assunto fosse esse ...²⁴

Há, porém, o lugar onde não alcança o desejo do Representante do Rei. Lugar da alteridade, do desconhecimento, do perigo:

...O que posso afirmar, desde já, é que a experiência me tem mostrado que para reduzir à ordem o povo meio-bárbaro do sertão, se necessita força armada, prudentemente dirigida, que o obrigue pelo medo a permanecer tranqüilo. Os ministros, não sendo apoiados por esta força, têm tentado e tentarão debalde usar de coação para reprimir os crimes, e neste caso permanecerá tudo em completa desordem...²⁵

Reduzir à ordem o caos sertanejo é reforçar a unidade territorial e eliminar, na ordem do discurso, a emergência de nossos sentidos para a organização social do espaço urbano e monárquico:

...me chegou a notícia de um conventículo ou clube formado em Buíque, a oitenta léguas daqui, o qual foi disperso, e perseguido os seus membros pelas justiças territoriais ... logo depois soube de outro ajuntamento na Serra do Rodeador, a légua e meia da povoação do Bonito, e trinta distante desta Praça.

23Lacan, Jacques.'El estadio del espejo como estadio formador de la función del yo [je] tal como se nos revela em la experiencia psicoanalítica' in Escritos 1, siglo veintiuno editores, Madrid, España, 1994, p.87.

24Carta de Pernambuco, 21 IV 1820 in RIAHGP, cit.

25Carta de Pernambuco, 27 VI 1820 in RIAHGP, cit.

Este último é merecedor de contemplação, não só porque os homens que o compõem passam de duzentos, mas também porque estes atraem a si muita gente com as armas da persuasão. O autor desta infernal quadrilha, cujo nome é fulano Paixão, serviu-se (talvez por indução de pessoa mais astuta) de formar um sistema de superstição fundado em coisas d'El Rei Dom Sebastião...

Tem todos eles bacamartes, bastante pólvora, mais armas e provisões.

Eis, em suma, as participações que tenho tido dos meus exploradores. As últimas chegaram-me hoje a tempo em que já estavam dadas as ordens de prevenção para a marcha das tropas por diferentes direções, até tomar por todos os lados a serra; não me sendo possível deixar de ir dirigir em pessoa esta pequena expedição, porque acho justo dar de uma vez um exemplo memorável. É certo que o número dos indivíduos cresce, que os habitantes das cercanias da serra estão vexados, e que este negócio demanda celeridade.

À vista disso, vejo-me inclinado a crer que na minha Província há cabeças vertiginosas, e é preciso pôr imediatamente obstáculo ao progresso do mal...²⁶

Os rios silenciosos

Nas franjas da ordem urbana: fulgurações de uma outra ordem, deslocamentos operados na organização social, rupturas na ordem pública. Metáforas:

... resistir à metáfora, ao dizer vivo, é entregar-se ao imaginário, ao 'ilusório', ao cálculo. E, na cidade, o investimento da urbanização sendo da instância do imaginário são muitos os modos que ela apresenta de barrar a metáfora. De outro lado, existindo nesses processos de negação e denegação, os sujeitos urbanos encontram formulações, modos de se dizer, que organizam o espaço burocrático (do) urbano. Atravessam esses processos que os prendem e, livrando-se deles, metaforizam. Essas formulações em que a narratividade urbana se estampa. Cenas de que o sujeito participa, sem distância. Não relata de fora. Se narra como parte da cena...²⁷

²⁶Carta de Pernambuco, 21 X 1820 in RIAHGP, cit.

²⁷Orlandi, Eni P. Cidade dos Sentidos. Cit, p.30.

A tensão entre a ordem urbana e o caos sertanejo resolve-se no confronto entre as forças que dão sustentação ao discurso urbano e a resistência que sustenta a metáfora:

Na madrugada de 22 de outubro partiram as forças expedicionárias do Recife sob o comando do marechal Salazar Moscozo, e constantes de três batalhões de linha [reforçados, posteriormente, por um batalhão de milícias] ... enveredou-se pelas matas, de sorte que, pelas 3 ½ horas da manhã do dia 25 estava na raiz da serra ...

...Estabeleceu-se então completa confusão, combatendo com maior vigor e sem a devida orientação as tropas do governo entre si próprias, de sorte que somente com o clarear do dia foi que se desfez o engano ...

...Convergiram então as forças, reunidamente, o combate sobre a gente do arraial, que foi fácil de vencer pelo quase nenhum armamento de que dispunha ...²⁸

A ordem é mantida a ferro e fogo:

...Madureira Lobo ... furioso com aquele contratempo, manda lançar fogo à povoação, e um grande número de mulheres e crianças, principalmente, perecem envolvidos nas chamas que rapidamente se desenvolvem e tudo devoram, uma vez que todas as habitações eram construídas de madeira e palha de catolé...

...mandou passar a fio e espada a um grande número de fanáticos quando já haviam deposto as poucas armas que possuíam, tinham-se rendido e não ofereciam o menos receio de resistência...²⁹

As ruínas incineradas da metáfora ecoam na memória discursiva:

"Rios de sangue, fera crueldade
Aos nossos pés correu sem ter clemência
da pobreza e pudica honestidade"³⁰

Indiferente, a ordem monárquica acolhe aos vencidos no interior do consenso urbano:

28Pereira da Costa, F. A. Anais Pernambucanos, cit, p. 94

29Idem, p. 97

30Idem, p. 98

...Reunidas as mulheres e crianças que escaparam da fuzilaria do assalto e das chamas do incêndio, cujo número subia a quinhentas, regressaram as tropas para o Recife...

...Toda essa gente, depois de solta, e enquanto não teve o conveniente destino, vagou sem abrigo e sem pão pelas ruas do Recife, imunda e maltrapilha [e quase em completa nudez, após um mês de prisão] como viera, implorando a caridade pública ...³¹

Um denso silêncio de pedra deslizou sobre as ruínas da Serra do Rodeador. Um silêncio de censura:

...E não podendo deixar de magoar muito o real e pio coração de sua majestade a desgraça da maior parte dos que se achavam no mencionado sítio do Rodeador, tendo sido para aí conduzidos por ignorância e superstição; há por bem que se ponha este negócio em perpétuo silêncio...³²

Silêncio que não se confina a um implícito existente ou possível no dizer, que apresenta uma materialidade que lhe é própria, que significa em suas marcas e traços, como observa Orlandi:

...nós distinguimos silêncio e implícito, sendo que o silêncio não tem uma relação de dependência com o dizer para significar: o sentido do silêncio não deriva do sentido das palavras ... porque é preciso considerar a relação fundamental das palavras com o silêncio sem, no entanto, reduzir este a um complemento da palavra.

...As palavras são cheias, ou melhor, são carregadas de silêncio. Não se pode excluí-lo das palavras assim como não se pode, por outro lado, recuperar o sentido do silêncio só pela verbalização. Consideramos a tradução do silêncio em palavras como uma relação parafrástica.³³

A política de apagamento dos sentidos, produzida através da censura, desloca as formas e os limites do dizer:

A censura joga com o poder-dizer impondo um certo silêncio. Entretanto, como o silêncio significa em si, à 'retórica da

31Idem, p. 95

32Aviso Real de 12 Jan 1821 in Pereira da Costa, F. A. Anais Pernambucanos, cit, p.97.

33Orlandi, Eni P. As formas do silêncio: no movimento dos sentidos. 5 ed, Campinas, editora da Unicamp, 2002, p.69.

opressão' - que se exerce pelo silenciamento de certos sentidos - responde a 'retórica da resistência' fazendo esse silêncio significar de outros modos.³⁴

O tenso equilíbrio instaurado implica sacrifícios na instauração de uma cidade que espelhe a ordem em que se insere:

...Eu durmo vestido e pronto; as tropas trabalham incansavelmente e estão à minha satisfação; a segurança pública por agora não me dá cuidado, mas toda a vigilância me parece pouca, para não me ser necessário fazer alguma de estrondo, porque eu sei que apesar do bom sucesso que eu não posso deixar de ter, a simples notícia de tumulto é danosíssima à causa d'El Rei Nosso Senhor.³⁵

Ou, ainda:

...As notícias que recebi ... desenganaram-me que era chegado o tempo de ver correr rios de sangue, ou aplacar os ânimos.

Combinei quando me foi possível os meus meios coativos com os resultados que deles podia tirar. Não achei no emprego da força senão desgraças e horrores. Adotei, portanto, os meios de conciliação ... salvei a vida de muitos vassallos de Sua Majestade, conservei o decoro do trono e pus este povo em circunstâncias de receber os esperados benefícios das mãos do monarca...³⁶

A realidade, contudo, resiste à nomeação e todo universo semanticamente estabilizado está sujeito ao equívoco e à emergência do *nonsense*:

Costumava o governados passar temporadas no campo ... [num lugar] vulgarmente chamado Palácio do Mondego ...

... Dirigia-se pois para aquela vivenda ... quando disparando João do Souto a sua arma, em pontaria certa sobre o general, quase à queima-roupa, ao passar ele a cavalo com uma certa comitiva, e vendo-se perseguido, lança-se ao rio ...³⁷

34Idem, p. 87

35Carta de Pernambuco, 19 XII 1820 in RIAHGP, cit.

36 Carte de Pernambuco, 5 III 1821, in RIAHGP, cit.

37 Pereira da costa, F. A. Anais Pernambucanos. Cit, p.155.

Quebrava-se o espelho e a cidade já não era projeção da identidade de quem a considerava uma imagem ampliada do corpo real. Um crime lesa-magestade na raiz da clivagem do sujeito urbano; urgia que se o solucionasse:

...mas, ou porque não pudesse lutar com o elemento das águas, ou porque caísse sobre alguma pedra, veio a sucumbir.³⁸

Havia que se confrontar e conjurar essa ameaça à identidade da cidade real:

...aparecendo o seu cadáver dois dias depois, já bastante desfigurado e comido pelos peixes. Fez-se o que foi humanamente possível para saber-se quem era ...³⁹

O enigma da identidade, apresentado sob a forma de um corpo sem rosto, a questionar o sujeito a partir de um lugar vazio:

...transportaram o cadáver para o adro da Igreja matriz de Santo Antônio, sentaram-no em uma cadeira, postaram um guarda, e todos perguntavam com interesse a quem passava se o conhecia, e que, se o declarasse, receberia a prometida quantia de um conto de réis, sendo livre, o escravo a sua alforria... mas nada absolutamente conseguiram.⁴⁰

Um espelho de duvidosa transparência se oferece à contemplação:

Quando el hombre, em busca del vacío del pensamiento, avanza por el ulgor sin sombra del espacio imaginario, absteniéndose hata de guardar lo que em él va a surgir, un espejo sin billo le muestra una superficie en la que no se refleja nada.⁴¹

Uma fenda, uma brecha, uma passagem, um buraco; momento de tensão subjetiva em que o imaginário derrama-se sobre o simbólico, marcando-o. Eu é um Outro:

Eu sou aquele que, no meio dos perigos de uma guerra civil,

38 Idem, p.152-153.

39 Idem, p.155.

40 Pereira da Costa, F. A. Anais Pernambucanos. Cit, p.155.

41 Lacan, Jacques. 'Acerca de la causalidad psíquica', in Escritos 1. Cit, p.178.

quando os espíritos mutavam incerto entre os desejos e o temor, arvorei o estandarte real na província que me viu nascer, e derramei, por toda parte, os eflúvios do mais constante zelo a favor dos direitos legítimos da Real Casa de Bragança e do nosso Rei o Senhor Dom João VI. Eu sou aquele mesmo que, afrontando a morte no meio das mais renhidas batalhas, busquei sempre (e ninguém o duvida) os lugares mais perigosos para ganhar nome de leal servidor d'El Rei. Eu fui quem fez tremular primeiro, com minhas próprias mãos, as reais bandeiras portuguesas nos baluartes de S. Sebastião, que serviram de farol às quase descoradas tropas aliadas. A elas por mim só chamadas, acudiram os leais soldados do regimento do meu comando e, debaixo delas, venderam caras as vidas pela glória do monarca e da pátria.

E também sou eu a quem um vil falsário, um obscuro e tenebroso maquinador de atrocíssimas imposturas chama traidor !!!⁴²

É tudo Verdade.

42 Carta de Pernambuco, sem data, posterior a XII 1821 in RIAHGP, cit.